

REPRESENTAÇÃO FEMININA, MÉDICAS INTENSIVISTAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA TERAPIA INTENSIVA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Tema: Medicina

Isabela Frighetto; Yasmin Alves Peterson; Jennifer Paloma Dreissig; Yasmin Lambert Mildner; Carolina Bracht Tonel; Laura Carlin Sebastiany; Bernardo Sampaio Woloski; Júlia Raminelli Marion; Isadora Santos Magalhães; Stéfhani Rehbein; Mariana Reis Soares;

Universidade de Santa Cruz do Sul
Santa Cruz do Sul/RS

Introdução e objetivo: A feminização da medicina é um fenômeno que tem se destacado no Brasil nas últimas décadas. A disparidade de representação de gênero, no entanto, persiste na maioria das especialidades. O estudo visa analisar a representatividade feminina e suas contribuições nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI). **Material e métodos:** Revisão sistemática de artigos de acesso livre publicados entre 2012 e 2022, em português e inglês, nas bases de dados PubMed, Scielo e Google Scholar. Utilizou-se os descritores "Unidades de Terapia Intensiva AND Médicas" e seus equivalentes em inglês. Encontrou-se 54 artigos, dos quais três foram selecionados por meio do método PRISMA. Para a exclusão dos artigos utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo. Para compor o estudo, fez-se uso de dados da Demografia Médica Brasileira 2023. **Resultados:** Apesar do crescimento exponencial das mulheres nas faculdades de medicina, os homens predominam em inúmeras especialidades médicas, 19 de 55 especialidades. Na medicina intensiva, o sexo masculino (66,5%) se mantém com quase o dobro de representantes em relação ao feminino (33,5%). Segundo a literatura, as intensivistas são mais propensas a aderir às diretrizes clínicas, fornecendo cuidados preventivos com mais frequência, além de promoverem uma comunicação centrada no paciente. Estudos apontam que, em um comparativo aos atendimentos de médicos homens, pacientes de médicas tiveram menores taxas de mortalidade e de readmissão hospitalar. Entretanto, a discriminação e o sexismo no ambiente laboral hospitalar reflete em barreiras às profissionais exercerem posições de liderança nas UTIs, conforme documentado pelos estudos. **Conclusão:** As mulheres são subrepresentadas na prática intensivista devido aos desafios impostos, mesmo com potencial de oferecer melhores desfechos clínicos aos pacientes. Logo, são necessários mais estudos que abordam os desafios enfrentados pelas médicas, a fim de garantir um ambiente de trabalho igualitário.